

ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM: O TRABALHO DE CAMPO MEDIANDO O ENSINO E A APRENDIZAGEM

NON FORMAL LEARNING SPACES: FIELD WORK MEDIATING TEACHING AND LEARNING

Ana Paula Gomes Seferian, Mestre em Geografia pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Professora da rede particular na cidade de São Paulo, paulag_geo@yahoo.com.br

Jerusa Vilhena de Moraes, Professora Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto de Educação. Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino; jevilhena@yahoo.com.br

Sonia M. Vanzella Castellar, Profa. Livre Docente da Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Educação. Departamento de Metodologia do Ensino, smvc@usp.br

Resumo: Este trabalho é resultado de reflexões geradas a partir de uma proposta de intervenção ocorrida no âmbito de um curso de formação de professores entre os anos de 2010 a 2011. O curso, focado para professores das séries iniciais do município de São Bernardo do Campo tinha como um dos seus objetivos discutir e orientar os professores a utilizarem espaços não formais de aprendizagem para o desenvolvimento de conteúdos de Geografia e Ciências Naturais nas séries iniciais.

Abstract: This work is the result of reflections that came about as because of a proposal for intervention that arose during a course for teacher training between the years 2010 to 2011. The course, focused for teachers of starting grades in the São Bernardo do Campo municipality, had as one of its objectives discussion and guidance of teachers in using non formal learning spaces for the development of Geography and Natural Science content with initial grades.

Palavras-chave: espaço não formais de aprendizagem, trabalho de campo, sequência didática, sequência didática, educação básica.

Introdução: Falar sobre espaços não formais de educação, inevitavelmente, nos conduz a um tema um pouco mais amplo, que é justamente o reconhecimento da existência de “tipos” de educação, que não são exatamente distintos, mas sim complementares. A discussão em torno deste tema permite perceber diferenças na forma em que se processam as situações de ensino e de aprendizagem e como cada processo (ensino e aprendizagem) acontece a partir destes espaços. Na intervenção ocorrida entre os anos de 2010 e 2011 em um curso de especialização de professores, procuramos trabalhar com os professores polivalentes a aplicação de diferentes metodologias de ensino, entre elas o trabalho de campo, como recurso metodológico e como possibilidade do desenvolvimento da aprendizagem em espaços não formais. Apresentaremos parte do trabalho desenvolvido em um espaço não formal de aprendizagem, no caso, o Museu de Geociências do IAG (Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo). A importância das práticas de campo está no fato de potencializar a didática, segundo os diferentes objetivos. Podem ser ilustrativas, motivadoras ou ainda investigativas, de acordo com o fim a que se proponham e as atividades a ela inerentes. Para a realização de trabalhos de campo que alcancem os objetivos de aprendizagem é fundamental que sejam planejados pelo professor e que tenham objetivos claros, além de ser previamente

preparados, de apresentar atividades que devem ser realizadas pelos alunos durante a visita e posteriormente a ela.

Desenvolvimento da proposta: As discussões teóricas sobre o trabalho de campo e os diferentes espaços de aprendizagem foram tratados a partir da leitura prévia dos textos. Posteriormente a esta leitura, realizamos em sala e fora dela atividades de sistematização dos conhecimentos adquiridos (por meio de debates e elaboração de sequências didáticas antes e depois da ida ao Museu em questão). Como a turma de professores era bastante heterogênea (educação infantil e do fundamental I) cada professor realizou uma sequência didática de forma a vivenciar a proposta metodológica e, ao mesmo tempo, refletir a partir das oportunidades que o conteúdo proposto e o lugar visitado possibilitariam (o que seria parte da avaliação do curso). Foram diversas sequências didáticas criadas, cada uma de acordo com o perfil da escola do professor participante do curso. Assim, foram criadas, por exemplo, sequências a partir de uma questão problematizadora (“O que pode ter causado o buraco do metrô?”; “Têm dinossauro no chiclete?” etc.) e sequências que partiriam do resultado obtido na visita a um espaço não formal (como a ida ao museu público da cidade).

Resultados: As atividades relacionadas ao trabalho de campo complementaram, com a prática, os conteúdos tratados em sala de aula e potencializou a motivação para o aprendizado. Pudemos verificar o quanto o desenvolvimento de atividades fora da sala de aula pode contribuir para a aprendizagem dos alunos. No entanto é fundamental que exista um trabalho prévio e uma formação adequada dos professores, para que esses possam de fato se apropriar dessa metodologia e desmistificarem as saídas a campo, sejam elas a espaços não formais (museus, Jardins botânicos, Zoológicos, etc.) ou informais (feiras livres, praças públicas, entorno da escola/bairro) para que essas saídas deixem de ser passeios e passem a cumprir sua função educativa.

Referências Bibliográficas:

ALDEROQUI S. Museo y escuela: una sociedad posible (entre prólogo y artículo). In: *Museos y escuelas: sócios para educar*. ALDEROQUI, S. (Org.). Buenos Aires: Ed. Paidós, 1994, p. 29-43.

COMPIANI M.; GONÇALVES P. W. Aspectos didáticos e metodológicos das atividades de campo em geologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 33., 1984: Rio de Janeiro – RJ. *Anais...* Rio de Janeiro, 1984.

MARANDINO, M. Museu como lugar de cidadania. *Museu e escola: educação formal e não-formal*, Ano XIX, n. 3, Maio/2009, p.29-35. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/153511MuseueEscola.pdf>>.